Cadernos Zygmunt Bauman
ISSN 2236-4099

A DEGRADAÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO E A FELICIDADE ARTIFICIAL DO CONSUMO: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O HUMANISMO ANTE A CRISE ECONÔMICA

Antonio Baptista Gonçalves[1]

Resumo: O objeto desse estudo é demonstrar qual a relação da globalização e, em especial, da sociedade de consumo, com a crise econômica global. Vivemos uma crise econômica que assola os países e impõe a insegurança nas relações sociais. A globalização e suas consequências desencadearam os problemas econômicos modernos.

Palavras-chave: globalização; filosofia; economia.

Abstract: The purpose of this study is to demonstrate witch is the relation of globalization and, in particular, of the consume society with the global economical crisis. We live in an economic crisis that has gripped the country and enforces the insecurity in social relations. Globalization and its consequences triggered the modern economic problems.

Keywords: globalization; philosophy; economy.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar o impacto da globalização na sociedade moderna e verificar como que o consumo modificou a realidade cotidiana. As pessoas passaram a se dedicar mais ao trabalho para terem recursos para consumir e essa compulsão por comprar resultou na linha tênue que separa a felicidade da tristeza. O que as pessoas não se aperceberam é que essa inclusão que a globalização produziu, na verdade, um afastamento e uma felicidade, sim, porém, artificial. Ademais, o manter desta globalização com produção continua gerou uma crise nos meios de produção e nos próprios países. De tal sorte que temos uma crise econômica que

[1] Doutor em Filosofia do Direito – PUC/SP. E-mail: antoniobgoncalves@uol.com.br

assola os países e impõe a insegurança nas relações sociais. A globalização e suas conseqüências desencadearam os problemas econômicos modernos e, portanto, será que a humanidade chegou a uma encruzilhada? Ao final do caminho? O futuro será sombrio e as crises mais constantes? Essas e outras indagações terão sua resposta ao longo deste estudo.

A polarização das superpotências

O século XX presenciou atos atrozes da humanidade contra seus semelhantes através de duas grandes guerras que deixaram um espólio de morte e horror. No plano humanista o pós guerras trouxe uma série de conquistas para a humanidade, as quais foram edificadas com a implementação de um órgão representativo dos países, a Organização das Nações Unidas, em 1945, e com a criação da Declaração Universal dos Direitos do cidadão, em 1948, que construiu o conceito de dignidade da pessoa humana e assegurou a criação de instrumentos de direitos fundamentais.

Já no aspecto econômico, o pós-guerra notabilizou uma bipolarização do planeta em blocos econômicos: de um lado os Estados Unidos da América e os ideais do liberalismo econômico e, de outro, a União das Republicas Socialistas Soviéticas – URSS que defendeu os ideais socialistas para a implementação do comunismo. A segunda metade do século passado centrou-se em torno da disputa econômica e política entre esses dois grandes blocos e os demais países que acompanharam o capitalismo ou o socialismo.

Com a derrocada do regime socialista, pelo insucesso dos planos soviéticos, que tentaram perpetuar o socialismo através da Glasnost e Perestróica com intenções de uma maior transparência política e de uma abertura econômica. Porque, na prática, o resultado apenas criou mais instabilidade ao regime, que ruiu com a queda do muro de Berlim, em 1989. Sem a presença do bloco soviético e com os ideais neoliberais o capitalismo ingressou em uma nova fase. Um período expansionista, responsável por uma maior integração entre os povos no âmbito econômico.

A globalização

O final do século XX e o princípio do século XXI edificaram o capitalismo no globo, com algumas poucas resistências, como Cuba, e o resultado foram uma integração econômica entre as nações ao ponto das fronteiras econômicas serem minimizadas e os povos poderem conhecer a livre circulação de mercadorias. Aliado a essa livre circulação a humanidade presenciou uma evolução tecnológica que propiciou ao homem se comunicar com uma pessoa distante em milhares de kilometros com o poder de um clique. A internet foi a alavanca final para o capitalismo expandir, pois, com os meios de comunicação avançados a informação passou a chegar mais rápido. E essa velocidade resultou em uma evolução tecnológica no sentido de buscar mais e mais modernidades para aperfeiçoar o sistema.

O resultado dessa expansão deliberada do capitalismo aliado à expansão tecnológica foi a readequação dos países para aproveitar esse novo período de prosperidade para também alavancar suas economias no âmbito interno. Com isso, o passo seguinte foi a criação de blocos econômicos para aliar interesses comuns e instituir, assim, uma mudança de paradigma com a queda das barreiras comercias, da aproximação das nações e da relativização das fronteiras. E nesse no mundo despontaram dois conjuntos de estados unidos: os Estados Unidos da América e os Estados Unidos da Europa. Sem as tensões políticas e um norte único em termos econômicos, a humanidade passou a ter a sua disposição uma nova realidade até então impensável: a possibilidade de comprar e consumir livremente em qualquer lugar do mundo, assegurado com o poder de um clique com o novo fenômeno da internet. Eis o surgimento de um novo momento: a sociedade calcada no consumo.

A sociedade de consumo

Nesse novo cenário as pessoas têm a sua disposição uma gama de alternativas para consumir. E, para tanto, a necessidade econômica impera, portanto, se alia o

conceito de que para poder consumir é necessário ter recursos para tal. A premissa de que o trabalho é o meio de viabilizar o consumo se proliferou na sociedade capitalista. E para poder adquirir os produtos seria fundamental ter dinheiro e, por conseguinte, um emprego.

Com a abertura econômica e com os avanços tecnológicos a humanidade pode consumir produtos com a velocidade que beira o incontrolável, pois, as barreiras físicas de outrora haviam caído. Agora seria possível comprar um produto no Japão sem precisar se dirigir fisicamente aquele País. E, com o conceito de que o trabalho propicia o livre acesso aos meios de consumo restava ainda mais um passo a ser cumprido: a diversidade como sublimação do prazer.

O bem de consumo que antes fora criado para durar anos, dadas as dificuldades em se obter um novo, agora, dava lugar a instantaneidade do consumo e a sublimação do prazer. O avanço tecnológico e a velocidade da informação propiciaram a essa nova sociedade a possibilidade de adquirir produtos continuamente.

Sendo assim, o conceito de durabilidade do século XX foi substituído em um curto espaço de tempo pela descartabilidade do consumo. Ao cidadão é ofertado o direito de adquirir bens de consumo duráveis ou não que irão propiciar um alargamento de seu prazer e de um maior desfrutar do seu ócio, isto é, o período de nada fazer. Como se o consumo fosse à recompensa pelas horas de trabalho árduo e intenso.

O trabalho e o consumo

A inserção da obrigatoriedade do trabalho como forma de obter o prazer maculou o pensamento da sociedade a ponto de, propriamente, escravizar todas as pessoas que desejam consumir. A relação com o consumo sobreveio à própria subsistência e o conceito de outrora de que o trabalho era necessário para produzir e, por conseguinte, perpetuar a sua própria existência, conceito comum nas sociedades feudalistas. O rompimento com o paradigma foi notório e o trabalho foi atrelado ao

consumo e sua importância incrementou e passou a ditar as normas comportamentais, pois, os empregados passaram a ser definidos por estereotípicos, padrões pré-estabelecidos de comportamento.

Nesse esteio o trabalho se tornou o elemento condutor para o prazer humano, porém, com a própria evolução da sociedade e o advento do capitalismo os conceitos novamente mudaram e a cultura imperante passou a ser trabalhar mais, ganhar mais para consumir mais. Em suma, o ser humano passa a dedicar seu tempo de ócio para produzir e trabalhar resultando, assim, em um cotidiano de muito trabalho e pouco prazer. A ponto dos desempregados serem considerados excluídos sociais ou *outsiders*.

A mudança de paradigma é notória o tempo ocioso passou a ser considerado nocivo em contrariedade ao renascimento, no qual tempo vago era sinônimo de criação e inspiração. O tocar um alude deu lugar a construir uma indústria. O resultado é a criação de um plano de metas criado pelas sociedades modernas, no qual quanto mais se trabalha maior será a arrecadação. O estranho de tudo isso é que as pessoas usam como justificativa para os excessos o poupar financeiro para garantir a tranqüilidade futura quando do envelhecimento e do ócio obrigatório.

Um falso sentimento de que um dia o trabalho não mais fará parte da cultura de um povo ou da realidade de uma civilização, ledo engano, tão consciente da falácia dessa afirmação é a fixação de metas pelo trabalhador que, se alcançadas, propiciarão o tão sonhado ócio. Com isso a sociedade do consumo de confunde com o consumo do próprio ser humano. Giorgio Agamben apresenta um conceito que auxilia a desenvolver uma idéia sobre a relação do homem com o trabalho:

O conceito de "vida sem valor" (ou "indigna de ser vivida") aplica-se antes de tudo aos indivíduos que devem ser considerados "incuravelmente perdidos" em seguida a uma doença ou ferimento e que, em plena consciência de sua condição, desejam absolutamente a "liberação" (Binding serve-se do termo *Erlösung*, que pertence ao vocabulário religioso e significa, além do mais, redenção) e tenha manifestado de algum modo desejo[2]. Claro que o sentido a qual Agamben se refere

[2] AGAMBEN, **Homo Sacer: O poder sobrenado e a vida nua** I, p. 145.

não é o do trabalho, porém, é possível fazer uma correlação do pensamento do autor com a sociedade do consumo, afinal, o desejo do homem é trabalhar o mais possível, apenas e tão somente para não precisar mais... trabalhar.

Entretanto, quando um homem que dedica a maior parte dos seus dias de sua vida ao trabalho tem o desejo de ficar sem trabalhar mais, porém, quando tal anseio se realiza descobre que sua vida não possui mais significado algum se não estiver... trabalhando, ou seja, o desejo premente de não trabalhar fornece a dura realidade de que sem o laboro o homem será um excluído e que o ócio não perfaz mais a realidade da sociedade moderna, portanto é uma vida sem qualquer sentido, mesmo que fosse o desejo de toda a sua vida. Com isso, o que devemos analisar é o impacto da globalização e da banalização do consumo na vida cotidiana das pessoas produzindo uma felicidade instantânea, quase que artificial.

A felicidade artificial pelo consumo

O consumo pode ser visto como algo diferente do que ele realmente é. Se aliado ao conceito de trabalho o consumo se relaciona com o prazer, ou seja, a recompensa por um serviço bem feito. Ao qual a arte de consumir se revela como satisfação de um anseio pessoal, ou seja, o acumulo de capital para se dar de presente um bem desejado ou algo esperado que o mercado lhe ofertara. Nesse diapasão pouco importa se o bem eleito for um telefone celular de última geração, apesar do seu atual telefone não ter nem três meses. O que importar é satisfazer seu anseio de ter.

Nos dizeres de Zygmunt Bauman: "A *apropriação* e a *posse* de bens que garantam (ou pelo menos prometam garantir) o conforto e o respeito podem de fato ser as principais motivações dos desejos e anseios na sociedade de produtores, um tipo de sociedade comprometida com a causa da segurança estável e da estabilidade segura, que baseia seus padrões de reprodução em longo prazo em comportamentos individuais criados para seguir essas motivações"[3].

[3] BAUMAN, **Vida para consumo**, p. 42.

O problema surge com a efemeridade desse prazer, pois, com a velocidade da troca dos bens a consumir somado a gama de oportunidades o consumidor não tem um tempo hábil para usufruir e aproveitar do bem, pois, em questão de tempo, até mesmo dias, em alguns casos seu produto estará obsoleto. Zygmunt Bauman: "Desnudadas das roupas velhas e rotas, estarão prontas para se vestir de novo. Agora o traje será selecionado com cuidado, desenhado em detalhe e cortado à medida do interesse comum, tal como prescrito pela Razão. A vontade dos desenhistas só deve ser restrita pela Razão. Aqueles que terão de usar o traje, afinal, não são capazes e sem dúvida não são propensos a fazer a escolha certa. A espécie humana não conhece limites para seu poder de aperfeiçoamento"[4].

Sendo assim, o real conceito de consumo é a produção de uma felicidade etérea e efêmera que ilude e abastece a pessoa por um curto espaço de tempo. Logo, para sair do seu estado de crise a solução será consumir uma vez mais. Com essa urgência em consumir e em inovar o ser humano desenvolveu uma felicidade aparente puramente artificial, pois, o trocar de metas é constante, o superar dos anseios é muito maior do que a durabilidade do prazer.

Ronald Dworkin: "O que caracteriza a Felicidade Artificial é seu poder de se opor à vida. Quando desfrutam da Felicidade Artificial, as pessoas conseguem não se sentir miseráveis mesmo quando a vida é miserável. Medem sua miséria em graus, durante uma experiência dolorosa de vida, sem nunca atingir o ponto de ebulição. Não importa o quanto as coisas fiquem mal, a Felicidade Artificial faz as pessoas sempre se sentirem bem; você jamais conseguirá incutir nelas o sentimento de total desesperança"[5]. O autor americano trata da felicidade adquirida de forma artificial para as pessoas com o uso de remédios antidepressivos. E, assim, ser um catalisador da felicidade, mesmo quando esta inexiste.

Desenvolvermos o mesmo conceito, porém, pautado no consumo. Não raro, uma pessoa quando se encontra cabisbaixa, sem muita esperança uma das soluções é apelar para o uso de remédios, contudo, outra alternativa, muito usada é fazer umas comprar para renovar o astral. Com isso, as pessoas passam horas consumindo para

[4] BAUMAN, **Legisladores e intérpretes**, p. 100.
[5] DWORKIN, **Felicidade artificial,** p. 12.

esquecer-se dos problemas, das angustias e retomar o ponto de equilíbrio de suas vidas, sem se aperceber que o próprio consumo faz parte desse problema.

Zygmunt Bauman: "O consumo toma tempo (ir às compras também), e os vendedores de bens de consumo são naturalmente interessados em reduzir ao mínimo o tempo dedicado à agradável arte de consumir" [6]. O consumir pelo simples fato de consumir, sem a necessidade de ter uma roupa nova, um aparelho de celular ou de TV inédito. Porém, o fato é que o simples comprar já trará um conforto que justificará o investimento. É a pura banalização do consumo em busca de uma felicidade que nunca se completa e que irá se propagar nas redes sociais em busca de mais futilidades, na troca de informações inúteis sobre compras e coisas afins. As novidades passaram a ser quem lançou tal produto, quem comprou um carro de último tipo e os aspectos evolutivos da humanidade ficaram relegados a um segundo plano, pois, a urgência por novidades de consumo são muito mais imperiosas!

A multidão na solidão

O avanço da tecnologia molda e transforma todas as modalidades de comunicação, sendo que há um risco inerente a esses avanços, criando o risco da "união do afastamento". Tal contradição do nome relata que o ser humano é insaciável, pois, não basta estar reunido em determinado lugar, seus dados e seus pensamentos devem estar em todos os lugares, virtuais, possíveis. O exemplo clássico para demonstrar que as pessoas estão unidas e afastadas, ao mesmo tempo, pode ser percebido em uma festa ou o simples jogo de futebol.

Não é mais raro verificar pessoas reunidas em uma festa, confraternização ou mesmo em uma partida de futebol, em que estas, situadas no local físico, estão na verdade se utilizando da atual modernidade, até a próxima inovação, ou seja, se comunicando com outras pessoas por meio do "twitter". A busca por uma interação total propicia inclusive a criação de um personagem em sites de relacionamento como Orkut, facebook, etc., nos quais a troca de experiências, o relato de fatos

[6] BAUMAN, **A arte da vida**, p. 12.

pessoas com usuários desconhecidos se torna habitual e, instantaneamente, a confiança é adquirida, pois, o que vale é se sentir incluído. Contudo, em dias de superexposição o que realmente importa é a popularidade, a notoriedade e a atenção conquistada por um novo público, mesmo que não se conheça a totalidade das pessoas que integram a rede social da qual faço parte, afinal, isso nada mais é do que um mero detalhe secundário. As pessoas ainda não conseguiram diferenciar o real do virtual e a capacidade de aglutinar desconhecidos e romper com a timidez e mais, conquistar um público muito mais rapidamente do que formar amizades reais a rede social tem um atrativo irresistível. O problema é que não rede social você tem uma multidão de amigos, porém, na vida real a solidão está presente.

As redes sociais e a fuga da realidade

As redes sociais se transformaram em uma verdadeira febre, inicialmente entre os adolescentes, porém, agora, conseguiram agregar também todas as faixas etárias por possuir um elemento atrativo poderoso, isto é, a possibilidade de encontrar amigos há muito perdidos ou fazer novas amizades *on-line* em uma velocidade muito maior do que no mundo real. O principal atrativo de uma rede social é a visibilidade, isto é, uma pessoa que na vida real é tímida e retraída pode muito bem se utilizar da ferramenta da rede social para conquistar e disseminar novas amizades que provavelmente jamais faria na vida real.

O criador do maior site de rede social que, inclusive teve sua vida retratada em filme recentemente teve como genialidade criar um site, não apenas para ficar milionário, mas sim para romper com a sua extrema dificuldade de interação e, assim, se tornar uma pessoa popular. Eis o sonho a ser concretizado nas redes sociais: ser popular! E para isso vale tudo: desde relatos fúteis a discrições intermináveis sobre seu dia, a relação com um namorado, uma briga com um amigo etc.

Dependendo de como se usa, a rede social pode deixar um terceiro sentado na sala de sua casa, afinal poder-se-á descobrir toda a rotina de uma pessoa, apenas

lendo os *scraps mensagens, twitts*, vendo suas comunidades etc., e com isso delineando sua personalidade e perfil. Renato Nunes Bittencourt concorda com a política do aparecimento a todo custo na rede social: "A expressão de ordem das relações sociais mediadas pela dimensão espetacular da vida é: "Apareço, logo existo". Trata-se da distorção do *cogito* cartesiano e do primado da subjetividade humana enquanto signo de uma metafísica da interioridade em favor de uma legitimação social da superficialidade" [7]. A banalidade das relações ficou em segundo plano o que passa a valer é a quantidade de pessoas que "curtiram"um comentário, quantas pessoas confirmam presença em seus eventos e quantas mensagens de "apoio"a pessoa recebe quanto está em uma "crise existencial profunda"sobre que cor de esmalte comprar. Toda essa febre de redes sociais apenas coadunam com o nosso pensamento de uma felicidade artificial, uma multidão na solidão que tenta, desesperadamente, preencher o vazio real com uma vida perfeita no virtual.

A união e o afastamento dos povos através da globalização

Com a globalização, gradualmente houve uma união dos povos, inicialmente por fins econômicos, porém, posteriormente, com uma integração maior enquanto povos propriamente falando. Sem que, com isso, houvesse perda das características culturais de cada nação, como por exemplo, a unidade formada pela União Européia e pela diversidade cultural dos países que a compõe. Em torno ou sob o escopo do capitalismo o mundo cada vez se unifica mais, contudo, em um paradoxo, ao mesmo tempo também é cada vez mais etéreo e dissolvido. Como vimos, as relações sociais se deterioraram, o mundo em si também se deteriorou com a depredação das riquezas naturais e a busca desenfreada do progresso para o atendimento ao consumo.

Essa união e afastamento concomitantes provocam uma crise na globalização, pois, é nítido o surgimento de uma nova polarização entre o mundo ocidental e o mundo oriental, agora sob o enfoque religioso. A radicalização de posições, os

[7] BITTENCOURT, "Apareço, logo existo!"; REVISTA FILOSOFIA, n° 57, p. 16.

fundamentalismos são cada vez mais constantes e os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 apenas deflagraram uma guerra velada que já existia desde há muito por diferenças ideológicas. É possível afirmar que a globalização é a pior e a melhor coisa que aconteceu em um passado recente para a humanidade. Paradoxalmente o positivo se confunde com o negativo, pois, o progresso, o avanço tecnológico, a velocidade da informação, a queda das fronteiras comerciais ocasionaram um prazer e uma satisfação que ao mesmo tempo promoveram uma satisfação e uma insatisfação ao ser humano.

Zygmunt Bauman: "O aumento do volume total de felicidade "do maior número de pessoas"- um aumento provocado pelo crescimento econômico e por uma ampliação do volume de dinheiro e crédito disponíveis – foi declarado, durante as últimas décadas, o propósito principal a orientar as políticas estabelecidas por nossos governos, assim como as estratégias de "política de vida" colocadas em prática por nós mesmos, seus súditos" [8]. Esse paradoxo pode levar a humanidade ao caos da globalização em que esse positivo e negativo criará um abismo cada vez mais profundo. É nítida a mudança do homem do século XX e do século XXI: produção de armas químicas, terrorismo, degradação ambiental são apenas alguns dos acontecimentos impingidos por esse homem globalizado.

A ambivalência da globalização

A globalização, como já dissemos, provocou uma ambivalência na sociedade do consumo, porém, com conseqüências também na economia. Um organismo inanimado foi criado com a globalização e se tornou o maior ente regulador das condutas sociais e econômicas globalizadas: o mercado. Esse mercado propiciou uma universalização dos valores econômicos, pois, um país ou uma empresa nacional até pode produzir um produto de acordo com seu gosto e interesse, porém, se o mercado não reagir positivamente o prejuízo será inevitável. O mercado e a globalização

[8] BAUMAN, **A arte da vida,** p. 9.

criaram uma universalização segundo o qual ser diferente pode representar ser um excluído.

Zygmunt Bauman: "O preço de mercado por eles exigido o único denominador comum entre os variados produtos do trabalho corporal e mental humano, as estatísticas do "produto nacional bruto"destinadas a avaliar o crescimento ou declínio da disponibilidade dos produtos registram a quantidade de dinheiro que mudou de mãos no curso das transações de compra e venda. Quer os índices do PNB cumpram ou não sua tarefa pública, resta ainda saber se devem ser tratados, como tendem a ser, como indicadores do crescimento ou declínio da felicidade. Presume-se que o aumento do dispêndio de dinheiro deva coincidir com um movimento ascendente similar da felicidade daqueles que o gastam, mas isso não é imediatamente óbvio"[9].

O consumo desenfreado provoca uma falsa sensação de prosperidade aos países, pois, os lucros gerados pelos mercados são cada vez maiores. Contudo, o que não se avalia são os custos operacionais desse descarte de produtos e o abastecimento constante de novidade e fomentos para atender essa sociedade calcada no consumo. De tal sorte que a deflagração de uma crise econômica provocada por essa bolha artificial de prosperidade era apenas uma questão de tempo. E as bolhas começaram a se espalhar através do consumo desenfreado, amplamente motivado pelo mercado: bens de consumo não duráveis, bens de consumo duráveis como carros e imóveis também foram atingidos por essa universalização do interesse.

O resultado prático foi o aumento exponencial do preço dos automóveis e dos imóveis, do custo de vida sem, necessariamente, ser acompanhado com o aumento proporcional das receitas. Quando a crise se instaurou com um aumento das dívidas das pessoas as instituições financeiras começaram a perceber uma nítida redução de liquidez e o final dessa epopéia: uma crise econômica que atingiu as grandes economias do mundo globalizado, em especial, os Estados Unidos da América. Não podemos esquecer que no caso americano a crise não se deveu apenas ao problema

[9] BALMAN, **A arte da vida**, p. 10.

da liquidez, que por si só, já é grave, mas também, à enorme dívida ocasionada pelas guerras sem sentido promovidas pelo então Presidente George W. Bush.

A mudança da realidade americana

Se em um exercício de futurologia pudesse ser perguntado a qualquer pessoa inserida na realidade globalizada do final do século XX o que ela acharia se os Estados Unidos fossem atacados por terroristas e que seu maior símbolo seria destruído e que menos de dez anos depois este mesmo País enfrentaria duas grandes e emblemáticas crises econômicas, provavelmente a resposta uníssona seria: impossível. Ao final do século XX os Estados Unidos eram a representação do sucesso da globalização: um superávit econômico contínuo a sociedade crescendo e o domínio capitalista era nítido. Em principio do século seguinte a derrotada chegou. Com os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 e a queda das torres gêmeas o medo e a insegurança aderiram à realidade norte americana.

A reação bélica de seu presidente em busca de erradicar um inimigo invisível trouxe conseqüências econômicas catastróficas para os Estados Unidos da América com reflexo nas grandes economias do planeta. Primeiro, quando as instituições financeiras perceberam que a liquidez havia se esvaído em decorrência da quantidade de empréstimos por conta dos americanos e, depois, pela falta de possibilidade em atender a todos. A crise causou um impacto direto na economia de outros países, uma vez que com a globalização, agora, os interesses são diretamente interligados.

Aparentemente a crise fora contornada, porém, novos problemas de crédito ocorreram ao longo de 2011. Ao ponto do Presidente americano alertar a população para um risco eminente de calote, o que poderia ocasionar em uma crise econômica na China e, por conseguinte, um crash generalizado. Através de um pacote emergencial o crédito foi aprovado, porém, os problemas econômicos ainda não tinham atingido o seu apogeu. O ápice ocorreu em agosto de 2011 quando uma agencia privada de notação rebaixou a outrora superpotência econômica em termos

de confiabilidade de crédito. O resultado foi o caos das especulações financeiras e as conseqüências foram danosas para os povos e para as nações em um mundo globalizado em que as economias são interdependentes.

Propagação das incertezas

A crise econômica que assola o mundo globalizado em idos de 2011 provocou uma solidarização das perdas por assim dizer, pois, se tornou comum o socorro econômico para evitar a quebra econômica das nações, como os casos de ajuda econômica na Grécia, em Portugal e na Espanha. Se não houver uma revisão do conceito do consumo o mundo globalizado poderá sucumbir. A degradação da globalização por conta desta felicidade artificial do consumo é evidente. Os problemas econômicos advindos dessa globalização do consumo são cada vez mais intensos. Os países que em um passado recente sempre foram sinônimos de prosperidade e progresso agora estão emersos em dívidas e crises econômicas. Será que a globalização ruiu as nações?

A necessidade de desglobalizar

Os avanços tecnológicos, a velocidade da informação e a banalização das relações sociais fizeram com que a humanidade desvalorizasse o próximo. Mesmo estando ao lado de uma pessoa fisicamente, a comunicação eletrônica propicia a interação virtual em outras realidades ocasionando um esvaziamento dos momentos de intimidade e companheirismo. E no esquecer do outro houve a banalização de si mesmo. A solução para essas constantes crises econômicas é a desglobalização, ou seja, o resgate das relações sociais calcadas não por um consumo, mas sim, por um envolvimento entre as pessoas. De nada adianta unificar fronteiras, povos e nações se a impessoalidade é a tonica das relações sociais.

Zygmunt Bauman: “Os prazeres do relaxamento não são os únicos sacrificados no altar da vida apressada em nome da economia de tempo para buscar outras

coisas. Quando os efeitos antes atingidos graças a nossa engenhosidade, dedicação e habilidades, adquiridas com dificuldade, foram "terceirizados" numa engenhoca que exige apenas sacar um cartão de crédito e apertar um botão" [10]. As pessoas precisam reencontrar a felicidade, não a artificial provocada pelo consumo, e sim, a interrelacional o redescobrimento das necessidades do próximo, a redução das indiferenças. O conceito de ser feliz mudou para pior o conceito de ser feliz agora é ligado ao de ter mais, um sentido eminentemente material.

Luc Ferry: "Após ter conhecido, por meio do fracasso do comunismo, a famosa crise no plano filosófico e político, o materialismo encontrou um novo impulso ao se deslocar em direção ao domínio das ciências naturais. É o que demonstra, há cerca de 30 anos, a retomada do debate sobre as relações do homem com a natureza que o circunda e, sobretudo, com seu primo mais próximo: o animal" [11]. Essa aproximação com o animal no sentido de destruir e consumir o seu entorno, um ser animalesco sem se importa com o próximo ou com a natureza, apenas o que é correto será satisfazer seu etéreo prazer pessoal.

Esse prazer aliado à noção de trabalho como fomentador e concretizador dos sonhos. A busca por um trabalho ou uma atividade econômica que gere lucro como manifestação do prazer fez com que as pessoas esquecessem-se do próprio prazer. Zygmunt Bauman indaga o que haveria de errado com a felicidade em seu livro A arte da vida e explica: "Sociedades como a nossa, movidas por milhões de homens e mulheres em busca da felicidade, estão se tornando mais ricas, mas não está claro se estão se tornando mais felizes. Parece que a busca dos seres humanos pela felicidade pode muito bem se mostrar responsável pelo seu próprio fracasso"[12].

As pessoas aliam o conceito de felicidade com o de posses materiais e, uma vez mais se equivocam, portanto, o novo paradigma é conseguir encontrar a própria felicidade, não material, mas sim, existencial. A globalização propiciou o esquecimento das relações pessoais, a relativização das amizades, a busca transloucada pelo possuir, mas de uma forma tão vazia quanto à própria realidade

[10] BAUMAN, **A arte da vida**, p. 14.
[11] FERRY, **O que é uma vida bem-sucedida?**, p. 305.
[12] BAUMAN, **A arte da vida**, p. 8.

humana de uma rede social. Não é com a presença de um perfil com quinhentos amigos que uma pessoa poderá dizer que é feliz, pois, em verdade, pode estar extremamente só em sua multidão de amigos virtuais e instantâneos tão fáceis de adquirir quanto de perder.

Conclusão

O tempo ocioso é cada vez menor, as responsabilidades cada vez maiores e para que? Para atender necessidades consumistas, para fomentar o progresso e gerar o alavancar econômico globalizado. Contudo, a pergunta persiste: e para que? Se extirpar o consumo qual o prazer que o ser humano tem em degradar o planeta, em criar armas de destruição em massa, em fomentar a intolerância religiosa? A globalização nos mostra o quão artificial pode ser a felicidade do ser humano. Ao apostar em saciar a vontade de ter a humanidade esqueceu-se de desenvolver a vontade de ser. A vida hoje é polarizada entre o obrigatório (o trabalho) e o prazeroso (que o ser humano nem sabe mais definir o que vem a ser). Para que a humanidade possa retomar o caminho do avanço e do progresso a aposta deve ser o investimento nas relações pessoais e não econômicas ou sociais. Do contrário as bolhas irão estourar e o que restar da humanidade pode não ser suficiente para reparar o estrago.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **HOMO SACER O poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
_____. **Legisladores e intérpretes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
_____. **Vida para consumo A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
BITTENCOURT, Renato Nunes. "Apareço, logo existo!". In: Revista Filosofia, n. 57, 2011, p. 14-21.
DWORKIN, Ronald W. **Felicidade artificial O lado Negro da Nova Classe Feliz**. São Paulo: Planeta, 2007.
FERRY, Luc. **O que é uma vida bem-sucedida?** Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.